

## REGISTROS DE CODA SILÁBICA NA ESCRITA INFANTIL. Luana de Lima, Lourenço Chacon – Fonoaudiologia – Departamento de Fonoaudiologia – FFC – Câmpus de Marília.

A proposta deste estudo foi verificar se a criança marca em sua escrita a posição da coda silábica e, em caso de resposta afirmativa, verificar que tipos de coda do Português Brasileiro são marcados. Nossa preocupação mais específica com esse constituinte da sílaba decorreu de sua percepção mais demorada, na aquisição da linguagem, pelas crianças. Essa dificuldade de percepção fica ainda mais acentuada quando se trata da aquisição da escrita, já que essa aquisição supõe o trabalho da criança com dois modos de enunciação da linguagem: o falado e o escrito.

Para o desenvolvimento do estudo, tomamos como base a teoria métrica da sílaba, tal como elaborada por Selkirk (1982), segundo a qual a sílaba é uma unidade fonológica dotada de uma estrutura não linear de constituintes, que definem uma hierarquia interna. Logo, uma sílaba, nessa teoria, é constituída de um ataque e de uma rima, que, por sua vez, é formada por núcleo e por coda.

No Português Brasileiro há uma padronização específica de QUAIS e QUANTOS segmentos podem ocorrer em cada posição. Além disso, há uma padronização de quais elementos (na hipótese de haver mais de um em determinada posição) podem se combinar, desde que em obediência aos princípios universais de estruturação da sílaba, principalmente o da escala ascendente e descendente de sonoridade.

Na padronização da sílaba no português brasileiro observa-se o seguinte:

- (1) o **núcleo** é obrigatoriamente preenchido, e sempre por uma vogal;
- (2) o **ataque** pode ser preenchido por uma ou duas consoantes (por exemplo, respectivamente, na sílaba PA da palavra *pato* e na sílaba PRA, da palavra *prato*). Essa mesma posição pode ser também preenchida por uma semivogal (por exemplo, na sílaba IA do nome *Iara*) ou por uma sequência de consoante + semivogal (por exemplo, na sílaba QUA da palavra *quatro*). Finalmente, a posição do acento pode ainda não ser preenchida por nenhum segmento, como ocorre na sílaba O da palavra *ovo* ou na sílaba AR da palavra *árvore*.
- (3) a **coda** pode ser preenchida por uma ou duas consoantes (por exemplo, respectivamente, na sílaba POR da palavra *porta* e na sílaba TRANS da palavra *transportar*). Também essa mesma posição pode ser preenchida por uma semivogal (por exemplo, na sílaba MAU do nome *Mauro*) ou por uma sequência de semivogal + 1 ou 2 consoantes (por exemplo, respectivamente, na sílaba única da palavra PAIS e na sílaba BÉNS da palavra *parabéns*). Assim como ocorre no acento, também a posição do declive pode não ser preenchida por nenhum segmento, como ocorre na sílaba TA da palavra *carta*).

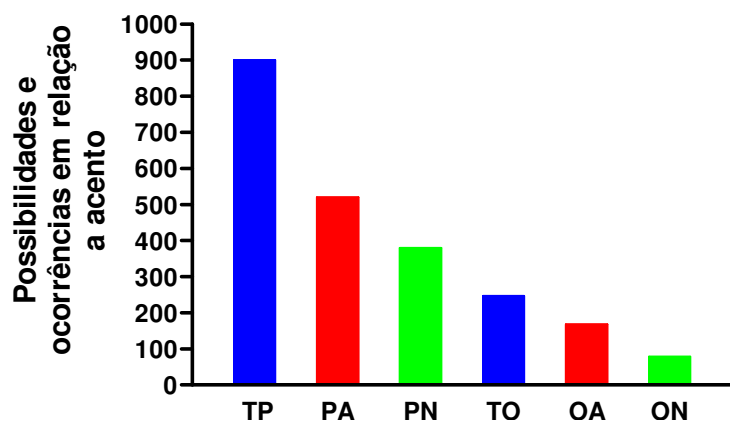
Os dados do nosso estudo foram extraídos de textos produzidos em situação de avaliação do desempenho escolar de crianças de pré-escola em nível III, da Escola Municipal do Ensino Infantil (EMEI) “Raio de Sol”, do município de Marília (SP), que atende clientela de classe média e de classe média baixa. Quanto aos sujeitos selecionados, foram crianças com faixa etária entre cinco e seis anos. Todas as crianças foram observadas em sua própria instituição. Foram escolhidas vinte crianças, sendo dez do sexo masculino e dez do sexo feminino. O diferencial facilitador para a escolha foi a frequência que a criança teve em sala de aula.

De posse dos textos, verificamos, primeiramente, se, neles, houve ou não ocorrências de coda e qual o percentual dessas ocorrências em relação ao total de possibilidades de coda nos textos. Em seguida, verificamos a distribuição tanto de possibilidades quanto de ocorrência de coda segundo a presença ou ausência de acento na sílaba e segundo os tipos fonéticos da coda, a saber: nasal, semivogal, vibrante e fricativa. Passemos aos resultados a que chegamos:

- (1) Total de **possibilidades** de coda = 900 (100,00%)  
    Posição acentuada = 580 ( 64,44%)  
    Posição não-acentuada = 320 ( 35,56%)

- (2) Total de **ocorrências** de coda = 247 (100,00%)  
 Posição acentuada = 168 ( 68,02%)  
 Posição não-acentuada = 79 ( 31,98%)

- (3) Comparação entre possibilidades e ocorrências



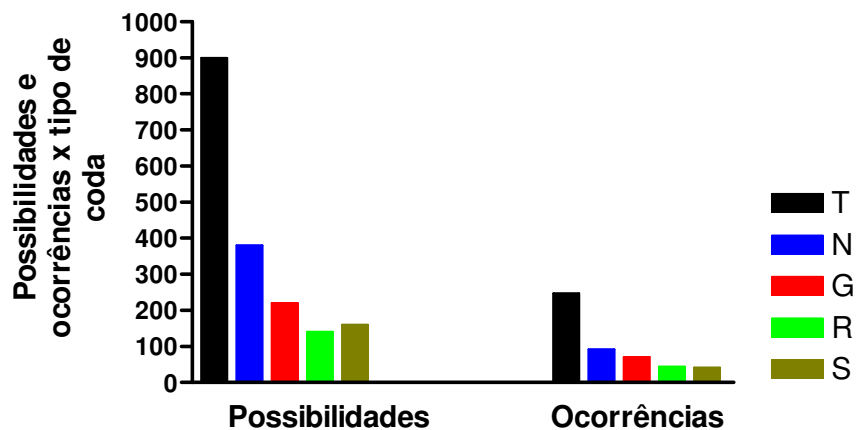
- (4) Total de possibilidades x tipo de coda

TOTAL = 900 (100,00%)  
 NASAL (N) = 380 ( 42,22%)  
 SEMIVOGAL (G) = 220 ( 24,44%)  
 VIBRANTE (R) = 140 ( 15,56%)  
 FRICATIVA (F) = 160 ( 17,78%)

- (5) Total de ocorrências x tipo de coda

TOTAL = 247 (100,00%)  
 NASAL (N) = 92 ( 37,25%)  
 SEMIVOGAL (G) = 70 ( 28,34%)  
 VIBRANTE (R) = 44 ( 17,81%)  
 FRICATIVA (F) = 41 ( 16,60%)

- (6) Comparação entre possibilidades e ocorrências



Três tendências podem ser detectadas nesses resultados:

- (1) pouco percentual de ocorrências em relação ao conjunto de possibilidades (27,44%);
- (2) maior percentual de ocorrências de nasal (37,25) e de semivogal (28,34%) nos textos e menor percentual de ocorrências de vibrante (17,81%) e de fricativa (16,10%) nos textos;
- (3) maior percentual de ocorrências em posição acentuada (68,02%) do que em posição não-acentuada (31,98%).

Com relação à **primeira tendência**, a posição de coda corresponde ao que Jakobson (1978, p. 69), com base em Stetson, categoriza como momento de DETENÇÃO do impulso silábico. Logo, sua menor presença nos dados das crianças pode ser explicada em função de ocorrer em momento menos audível da sílaba.

Com relação à **segunda tendência**, o fato de nasais, semivogais e vibrantes (emitidas como consoantes retroflexas na variedade lingüística das crianças) possuírem formantes agrupados preferencialmente em regiões mais baixas do espectro de frequências (KENT & READ, 1992), aliado ao fato de o ouvido humano ser mais sensível a detecções de informações acústicas nessas regiões (JOHNSON, 1997) favorece a percepção desses segmentos.

Sobre o predomínio de nasais, mesmo indivíduos portadores de deficiência auditiva com audição residual conseguem detectar estímulos acústicos em regiões de baixa frequência, como, por exemplo, o murmúrio nasal (LING, 1977), situado entre 250 e 300 Hz (KENT & READ, 1992). Também fatos como a frequência de ocorrência em no léxico do português brasileiro (ALBANO, 2001) podem explicar esse predomínio da coda nasal, como detectado por essa pesquisadora em dois tipos de *corpora*: o Mini-Dicionário Aurélio e o Projeto NURC. Além disso, pode-se considerar que a nasal, em si mesma, constrói uma grande classe, em termos de ressonância, que a diferencia das demais possibilidades de coda no português brasileiro (que se caracterizam pela ressonância oral).

O segundo posto de maior percentual para a semivogal parece se explicar por uma sensibilidade talvez acentuada das crianças à transição entre segmentos. Essa sensibilidade se justificaria pela característica acústica dinâmica das semivogais, na medida em que apresenta estrutura formântica em mudança gradual (KENT & READ, 1992). O próprio ouvido humano, a propósito, é mais sensível a pequenas mudanças quando em regiões de frequências mais baixas (JOHNSON, 1997). Também, mesmo em casos de deficiência auditiva, as transições são favorecidas na percepção da fala LING (1977).

Por outro lado, o segundo posto de menor percentual verificado na vibrante (retroflexa) também pode ser explicado por sua característica acústica, a saber, padrões formânticos bem definidos tipicamente menos intensos do que os das vogais adjacentes (KENT E READ, 1992).

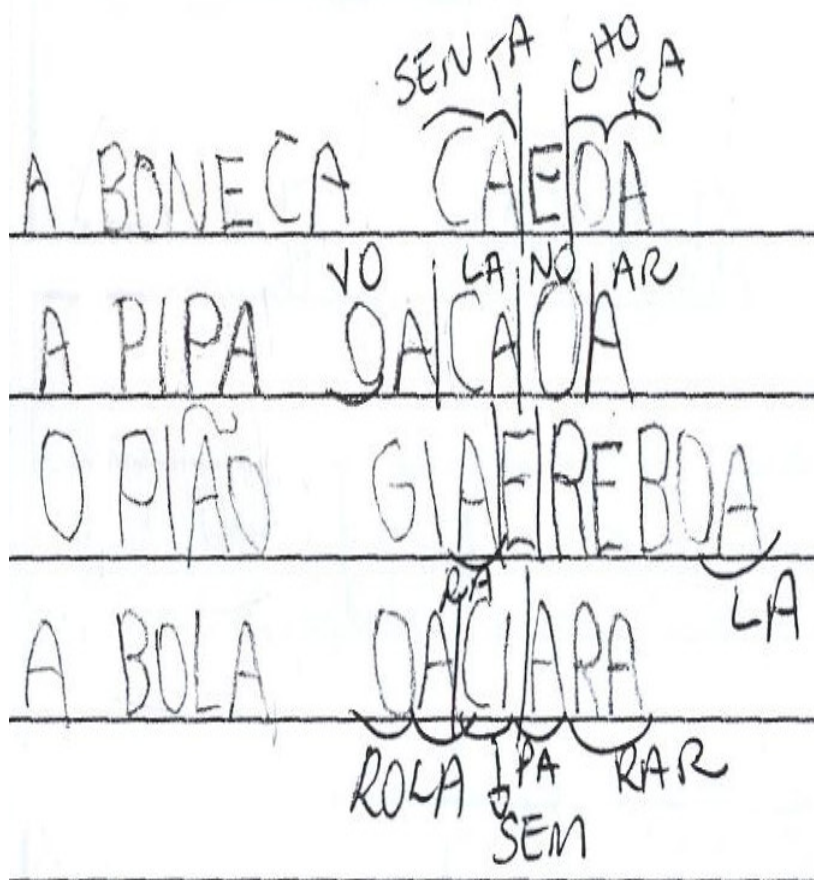
Já o menor percentual verificado na fricativa se explica, talvez, por sua maior concentração de energia acústica em região de frequências mais altas, portanto, menos favoráveis à sensibilidade perceptual do ouvido humano (JOHNSON, 1997).

Por fim, com relação à terceira tendência, fatores perceptuais também podem estar envolvidos, já que a posição acentuada caracteriza-se por uma combinação entre aumento de duração, de intensidade e de frequência (GAMA-ROSSI, 1999; MASSINI-CAGLIARI, 1992). Inversamente, a ausência de acento seria um elemento que dificultaria a percepção (e, logo, a notação gráfica).

Alguns fatos podem ser levantados a partir dessas considerações.

O menor percentual de codas em posição não-acentuada, tanto nas possibilidades quanto nas ocorrências, sugere que fatos de natureza biológica (como os motores e os perceptuais da fala, bem como sua relação) estariam – também – na base da organização dos sons da língua em sistemas fonológicos. Desse modo, funcionariam, pois, as unidades lingüísticas, de maneira semelhante quando em contextos fonético-fonológicos diferentes, ou a percepção seria polissistêmica (HAWKINS, 2006)?

Além disso, alguns sujeitos parecem ter marcado a coda predominantemente por saberem como é a grafia convencional de algumas palavras que queriam escrever e não por a terem reconhecido acusticamente nas palavras. É o que nos sugere, por exemplo, o texto a seguir:



Portanto, é importante levar em conta o caráter heterogêneo da escrita, já que os escreventes, ao desenvolver essa atividade, mobilizam conhecimentos que trazem de sua inserção tanto em práticas de oralidade quanto em práticas de letramento. Nesse sentido, avaliar a correspondência grafema-fonema é tarefa bastante complexa, já que a unidade perceptual, para a criança, pode, ser em si mesma, um objeto heterogêneo (ou seja, ao mesmo tempo, auditivo e visual) – o que sugere, portanto, uma percepção polissistêmica (HAWKINS, 2006) da relação fonema-grafema por parte das crianças.

### Referências bibliográficas

- ALBANO, E. C. (2001). *O gesto e suas bordas: esboço de fonologia acústico-articulatória do português brasileiro*. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB; São Paulo: Fapesp.
- GAMA-ROSSI, A. J. (1999). *Relações entre o desenvolvimento lingüístico e neuromotor: a aquisição da duração no português brasileiro*. Tese de doutorado inédita. LAFAPE-IEL-Unicamp.
- HAWKINS, S. (2006). Phonetic variation as communicative system: Perception of the particular and the abstract. In: *X International Conference on Laboratory Phonology. Proceedings of Labphon10*, Paris, França.
- JAKOBSON, J. R. (1978). *Fonema e Fonologia*. In: SAUSSURE, F. et al. *Textos Selecionados*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural; p. 55-117.
- JOHNSON, K. (1997). *Acoustic and Auditory Phonetics*. Cambridge: Blackwell Publishers.
- KENT, R.; READ, C. (1992). *The Acoustic analysis os speech*. San Diego: Singular.
- LING, D. (1977). *Speech and hearing impaired child: theory and pratice*. Washington, Alexander Grahman Bell, p.220-81.
- MASSINI-CAGLIARI, G. *Acento e ritmo*. São Paulo: Contexto, 1992.

**Bolsa: CNPq/PIBIC**